

A estruturação de gangues juvenis como um fenômeno global associado às manifestações de violência escolar

Resultado de investigação finalizada

GT22: Sociologia da infância e da juventude

Maria Alice Canzi Ames

Professora da Universidade Regional do Noroeste do Estado do RS/Brasil e Doutoranda em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Resumo:

O trabalho proposto visa apresentar os principais resultados do modelo estatístico elaborado e aplicado em 6 escolas de duas regiões do Rio Grande do Sul/Brasil. Entre os principais dados, o que mais chama a atenção é que a participação do jovem em gangues aumenta a probabilidade de envolver-se com atos violentos na escola em 39%. Ao fazer parte de um grupo considerado ilícito, aumenta o acesso facilitado às armas e também às drogas, alimentando um círculo de violência difícil de interromper, porém, não impossível. Para compreender como este clima para a violência perpassa o espaço social escolar, utiliza-se a teoria da transição etiológica da violênciacíclica “altruísmo-egoísmo-altruísmo” para explicar as violências disposicionais e a estruturação dos agressores.

Palavras Chaves: Jovens – Violência - Gangues

Introdução

Este artigo apresenta os principais resultados obtidos em nossa investigação para a construção da tese de doutorado em sociologia junto a Universidade Federal do Estado do Rio Grande do Sul. A temática do estudo trata da violência escolar (especificamente a violência contra o patrimônio: pichações, roubos, furtos e porte de armas; a violência interpessoal, incluindo a violência doméstica e entre os pares; entre professor e aluno; violência coletiva: gangues, contexto sócio-econômico-cultural) entre escolas públicas e privadas, de duas regiões do Estado do RS (Santa Rosa e Porto Alegre), a partir de uma compreensão sociológica dos possíveis fatores incluídos em um modelo causal.

O mérito da presente análise radica, não só no valor intrínseco de avaliar o conjunto de fatores causais, mas no fato de que as pesquisas empíricas sobre o assunto, salvo algumas poucas, não abordam modelos causais multivariados da forma como aqui desenvolvido, o que nos estimula a dar uma contribuição para o tema. Percebe-se que a escola tornou-se “um grande conjunto que reúne pessoas que tudo separa, obrigando-as a coabitarem, seja ignorando-se, seja incompreendendo-se, seja em conflito latente ou declarado, com todos os sofrimentos que disso resultem.¹” Esta pesquisa possui duas questões que o modelo busca responder: Quais os principais fatores causadores da violência escolar? Como a escola tem lidado com as diversas manifestações de violências neste espaço?

Para responder a estes questionamentos, o modelo foi construído a partir das seguintes variáveis de análise:

¹Bourdieu, P. (org). A miséria do mundo, p. 11.

- 1) Variável dependente: índice de violências escolares registradas² e reportadas;
- 2) Variáveis independentes: participação em gangues, porte de armas, sentimento de justiça escolar, autarquia escolar, região, postura pedagógica dos professores, aceitação da autoridade do professor, consumo de drogas a nível individual, consumo de drogas a nível familiar, violência doméstica, classe social, controle dos pais, justiça doméstica, série, turno, sexo, cor, trabalha ou não, tráfico de drogas;
- 3) Variáveis independentes de controle: série, turno, trabalho, sexo, cor, classe social, autarquia escolar (escola pública e escola privada).

A metodologia empírica empregada foi a Análise de Regressão Múltipla, sendo utilizado como variável dependente em um momento, a violência registrada; em outro momento, a violência reportada. As variáveis independentes mencionadas acima são mais especificamente: contexto cultural (região Porto Alegre e Santa Rosa); contexto econômico (classe social); aceitação da autoridade do professor; autoridade doméstica; violência doméstica; justiça escolar; consumo de drogas; porte de armas; participação em gangues. Os dados foram obtidos a partir de um questionário envolvendo várias questões para cercar o máximo de respostas em cada variável. O questionário foi construído a partir de um denso estudo de revisão bibliográfica sobre o tema e a abordagem das variáveis e pontuações das escalas. O campo realizado foi em seis escolas entre as duas regiões selecionadas, totalizando um conjunto de questionários respondidos em um número de 622, exceto os 92 de um estudo inicial (714 ao todo).

Para garantir a confiabilidade nos dados, realizou-se uma observação criteriosa enquanto coletamos as ocorrências registradas em atas e fichas. Após a coleta dos dados, criou-se um banco de dados geral e um específico para cada escola, utilizando o programa SPSS, buscando testar as significâncias de cada resultado fatorial e comparar os possíveis contrastes para posterior análise.

O embasamento teórico utilizado busca identificar “uma unidade subjacente e uma continuidade histórica” que são decisivos para a sua compreensão (Fandiño, 2012). Os fenômenos sociais exigem “ultrapassar o tratamento apenas dos sintomas e condições empíricas imediatas e tratar o problema em um nível de abstração e de abrangência sociológica maior, estabelecendo ligações e/ou transformações entre suas diferentes manifestações”. Segundo Fandiño (2012), as violências na América Latina tem sido cíclicas, ora elevando suas taxas, ora decrescendo, conforme as lideranças trocam de posição, mas sempre conservando a condição necessária para o funcionamento da sociedade excludente. Historicamente, aponta Fandiño, a partir da funcionalidade do dualismo econômico dos processos reprodutivos do capitalismo comercial do século XV, encontra-se um “dualismo simbólico funcional excludente”. Ou seja, o processo histórico excludente que se infiltra na teia social muito além da esfera econômica, produz uma “exclusão simbólica”, o que faz derivar uma autoprodução de lideranças dispostas a tudo para integrar-se na rede. Essa disposicionalidade de lideranças pode integrar-se em movimentos do tipo altruísta ou egoísta, conforme definiu Durkheim.

Por isso, para compreender o aumento das manifestações de violências nas escolas, necessário se faz realizar um apanhado do movimento histórico de construção da sociedade e suas características associadas à violência, bem como as principais contribuições das teorias que analisam essa problemática e para tal, elaboramos as seguintes hipóteses:

H1 = O comportamento violento nas escolas (tanto reportado quanto registrado) está associado ao pertencimento ou relação com gangues. Presume-se que essa relação esteja associada ao surgimento de um novo agressor social, estruturado, associado ao tráfico de drogas, conforme a teoria da transição etiológica do crime.

² As violências registradas foram coletadas em atas e documentos oficiais da escola ou xerox de boletins de ocorrências, mas será operacionalizada somente em relação ao estudo inicial, o qual foi acompanhado por um período maior. As violências reportadas referem-se às respostas dos alunos ao questionário.

H2 = O aumento nos indicadores de violências nas escolas está associado ao porte de armas, fator que está interligado com o contexto de insegurança, desorganização social, anomia institucional, acessibilidade das armas e falta de orientação na resolução de conflitos de forma não violenta.

H3 = Ainda interligado ao contexto de desorganização social presume-se que o consumo de drogas lícitas e ou ilícitas impulsiona o aumento das manifestações de violências.

H4 = As escolas com maiores níveis de violência escolar estão localizadas no contexto da região metropolitana e em espaços centrais, onde há maior circulação de pessoas, contribuindo para a aglomeração e incidência de conflitos, tráficos, brigas, conforme a concentração demográfica.

H5 = As escolas de autarquia pública apresentam níveis mais fortes de violências em relação às escolas de autarquia privada, considerando que, além das escolas privadas tenderem a não registrar as ocorrências, há uma influência da renda sobre a violência.

H6 = O comportamento violento na escola é reflexo do aprendizado introjetado pelos hábitos adquiridos na socialização primária. A criança que vive em um contexto de violência doméstica tende a reproduzir este comportamento na escola.

H7 = A variação nos índices de violências (registradas e reportadas) está associada à maior ou menor rejeição da autoridade do professor, fator historicamente construído pela violência social de colonização latino americano e continuada pela globalização pós-moderna.

H8 = A variação nos índices de violências (registradas e reportadas) está associada ao sentimento de injustiça no contexto escolar, conforme a teoria da Justiça Relacional/Restaurativa.

H9 = As posturas práticas de enfrentamento às violências expressas em sua forma predominantemente repressiva por parte dos educadores, bem como as formas anômicas, tendem a aumentar as reações violentas dos alunos, contribuindo para o aumento no nível de violências nas escolas.

Destacamos que para essa ponencia será discutida a hipótese 1, perpassando pela 2, 3 e 4. As demais hipóteses não serão analisadas, bem como os resultados da variável dependente com a violência registrada. A seguir, situamos a perspectiva da transição criminológica e a estruturação das gangues para compreendermos o cenário de aumento de violências nas escolas. Depois, seguimos com os resultados obtidos com o modelo causal, as conclusões, referências e anexos.

A Perspectiva da Transição Criminológica em Juan Mario Mariño Fandiño e a estruturação das gangues juvenis como elementos de compreensão das manifestações de violências nas escolas

A teoria da transição etiológica entende que a escalada da criminalidade tem correlação com “a ascensão histórica de um novo tipo social de agressor, que, além de (sociologicamente) egoísta, é socialmente estruturado, hierarquizado, especializado, com dinâmica própria de crescimento e até globalizado.”(Fandiño, 2012, cap. IV, p. 6). Este novo tipo social de agressor origina-se, fundamentalmente, pelo processo de estruturação dos agressores egoístas e das suas oportunidades ilegítimas, possuindo uma dinâmica endógena própria de crescimento, em função da origem endógena da sua força propulsora. Para o pesquisador, o “novo caráter estruturado de segmentos importantes dos agressores não é um fenômeno que nasce, nem se esgota, nos setores excluídos.” (Fandiño, 2012, cap. IV, p. 7).

Esta teoria possui uma articulação com a ideia sutherlandiana do desvio cultural, e, considera, principalmente, a estruturação endógena das oportunidades ilegítimas. Para tanto utiliza a análise da evolução das subculturas criminais de Cloward e Ohlin, 1960, os quais teorizam que esta evolução resulta de uma simples e automática resposta a certo conjunto de circunstâncias exógenas determinantes, porém não envolve a ideia de “movimento endógeno”, onde a criminalidade passa a exibir uma dinâmica própria, alimentada por macro e meso-condições, mas com uma autonomia decisiva na sua etiologia. (Fandiño, 2012, cap. I).

Ainda dentro do processo de formação ou “evolução” das subculturas delinquentes (entre as quais está a criminal, mas não sendo a única)³ é interessante refletir sobre o paralelismo com as formulações clássicas da formação dos movimentos sociais contestatórios e revolucionários. Fandiño destaca que a afinidade entre a teorização dos “movimentos sociais contestatórios” insurgentes ou subversivos e as “subculturas delinquentes”, tem duas consequências importantes: uma, a necessidade lógica de incluir entre as subculturas delinquentes (ou seja, aquelas ligadas a delitos formalmente sancionados, na terminologia específica de Cloward e Ohlin) os movimentos político contestatórios altruístas, que optam pela ilegalidade, mas que ao mesmo tempo não necessariamente podem ser consideradas “desviadas” (isto é, dentro da categoria mais ampla de atos socialmente repudiados), posto que não há nas sociedades duais uma harmonia e coincidência generalizada entre os dois fenômenos (delinquência e desvio), como Cloward e Ohlin presumem para o caso das sociedades mais integradas do primeiro mundo. Outra, que se abre uma porta muito importante para tratar teoricamente da possibilidade de certo trânsito entre os movimentos altruístas e egoístas com base no seu status de ilegalidade:

Este trânsito oferece a possibilidade de direcionar a rebeldia egoísta do crime para objetivos mais altruístas, assim como pode realizar-se uma participação instrumental dos grupos egoístas nos grupos altruístas. Não existindo uma coincidência original de objetivos e valores, pode um ou outro grupo realizar o trânsito em questão com consequências imprevisíveis por eles. (Fandiño, 2012, cap. I, p. 20)

Destarte, a “simbiose” entre movimentos guerrilheiros insurgentes ou subversivos e as máfias do crime organizado, ao redor do envolvimento com o tráfico de entorpecentes, por exemplo, acaba facilmente não apenas potencializando os objetivos contraditórios dos dois grupos, mas contaminando os objetivos altruístas da contestação e camuflando os objetivos anômicos/egoístas do crime organizado. Da mesma forma, os contatos em questão podem fornecer técnicas político organizacionais para o crime crescer. (idem)

Cloward e Ohlin identificam dois tipos de “estruturas de oportunidade”: uma para o aprendizado e o outra para o exercício profissional, seja este legal ou ilegal. Neste sentido “...há marcadas diferenças de uma parte da estrutura social para outra, nos tipos de adaptação ilegítima que estão disponíveis às pessoas que buscam soluções aos seus problemas de ajuste, e que resultam das restritas possibilidades de acesso aos meios legítimos.” (p. 152, apud Fandiño, 2012, cap. I, p.20). Assim, pois,

o núcleo desta perspectiva teórica pode-se dizer que está constituído basicamente pela inter-relação entre as metas e objetivos culturais dos indivíduos, a disponibilidade estrutural e a dinâmica de reestruturação” de meios para estes objetivos e metas serem atingidos. (Fandiño, 2012, cap. I, p. 20).

Registramos duas condições adicionais em nível meso-agregado para a emergência e continuidade das subculturas criminais, segundo Cloward e Ohlin, apontadas por Fandiño: Uma é a integração etária, a qual permite selecionar e treinar novos participantes, e constituir “modelos de pessoa” de forma tal que havendo na comunidade o modelo, por exemplo, do “bandido bem sucedido”, será possível encontrar aspirantes e candidatos a aprender e desempenhar o tipo de atividade correspondente. A segunda condição é uma integração de valores ilegítimos com legítimos, para que a subcultura possa “funcionar” (sobreviver) com relativa estabilidade. Fandiño registra que Cloward e

³Schabach 2007 realiza um quadro explicativo dessas subculturas muito esclarecedor.

Ohlin colocam esta questão de forma muito apta com relação ao aprendiz, a qual cita por extenso e optamos por destacar também:

Enquanto o aprendiz de criminal passa de um nível a outro no sistema das oportunidades ilegítimas, podemos esperar que desenvolva um crescente conjunto de relações com membros do mundo semi-legítimo e do mundo legítimo. Por exemplo, um delinqüente que está subindo na estrutura pode começar a entrar em contato com criminosos maduros, com oficiais da polícia, políticos, advogados de porta de prisão... e outros semelhantes. Assim que as suas atividades se integram com as atividades destas pessoas, seu conhecimento do mundo ilegítimo é aprofundado, novas habilidades são adquiridas... a não ser que ele possa formar este tipo de relações, as suas possibilidades de construir um estilo de vida criminoso estável e protegido, estão efetivamente bloqueadas. (Cloward e Ohlin, p. 166, apud Fandiño, cap. I, p. 21).

Porém, esta transição, destaca Fandiño, “não é de caráter individual, como aparece em Sutherland e Merton, mas grupal.” Em consonância ainda com Mead, Fandiño explica que há uma espécie de “conversão” às novas regras e à nova subcultura, mas que não se dá primeiro com relação a si mesmo para depois transcender para outros; “esta conversão de si próprio se dá pelo próprio processo de converter os outros, em um movimento grupal envolvente, onde o convencimento de outros pelo indivíduo reforça significativamente sua própria convicção.” (Fandiño, 2012, cap. I, p. 18)

Contribuem para esta transição, três fatores a seguir mencionados: O processo de alienação, na perspectiva de um distanciamento do indivíduo com relação às normas legais vigentes, onde a causalidade do fracasso individual é transferida para uma questão “estrutural” do mesmo fracasso; a tendência dos indivíduos em procurar soluções coletivas para problemas em comum, onde a conduta delinqüente é fortemente reforçada; e o círculo vicioso do estigma da “rotulação” do indivíduo criminoso.

Esta perspectiva, desenvolvida para compreender o quarto ciclo histórico de violência na América Latina através da análise do caso do extremo sul do Brasil na década de 1990 (FANDIÑO, 2012), entende por transição etiológica a estruturação de grupos de agressores coletivos e a normatização do modelo social do bandido, como destacados. Assim, são apresentados três elementos históricos específicos para a formação de seu modelo típico ideal, a saber:

1. Advento do mercado internacional de entorpecentes;
2. O dualismo social excludente (no sentido simbólico abrangente) e assimétrico; e,
3. A urbanização.

Seu conteúdo explicativo parte da ideia de que o tráfico, por sua ilegalidade e rentabilidade, apresenta efeitos de anomização e desorganização social, o que leva a erosão dos valores tradicionais nas comunidades. Os efeitos atribuídos ao avanço do tráfico aparecem, então, associados à nova forma de ecologia humana representada pelas cidades, as quais, pelo intenso e desorganizado processo de urbanização e a alta concentração demográfica que apresentam, possibilitam aos indivíduos um considerável anonimato, derivando disso um impacto sobre a criminalidade, que tem seus índices de incidência elevados diante da “estruturação ou organização dos próprios agressores em grupos cada vez mais poderosos e em complexas redes de comércio ilegal, entre outras atividades delitivas” (FANDIÑO, 2012).

Temos ainda que:

[...] Uma última ligação do tráfico com a criminalidade em pauta acontece diretamente, em função de três aspectos intrínsecos a ele, e interligados entre si: a) a impossibilidade de utilização do recurso legal para resolução de conflitos; b) as demandas financeiras do vício que alimenta e promove; e c) o

envolvimento do sujeito em redes de contravenção das que pode ser difícil escapar. Finalmente, tanto a desorganização social quanto e a estruturação das oportunidades ilegítimas (incluindo a estruturação dos próprios grupos delinquentes), se conjugam para produzir o surto da criminalidade, através do retardo social. As especificidades etiológicas de cada crime devem se combinar para produzir tendências e intensidades específicas em cada um. (FANDIÑO, 2012).

A nova situação, que agora podemos analisar, indica, então, uma transição etiológica, na qual incidem fatores endógenos, principalmente: a) estruturação dos grupos criminosos; b) coação; e, c) normatização do modelo social do bandido. Consideramos que estes novos fatores ou substituíram os tradicionais ou foram agregados a eles, em consonância com o que é proposto por Fandiño (2012).

Um elemento fundamental do processo de transição etiológica que define o novo modelo de criminalidade é o fator concentração demográfica, uma vez que esta perspectiva irá apontar para uma relação causal direta entre urbanização e estruturação dos grupos de agressores coletivos (FANDIÑO, 2012).

Especialmente nos termos da experiência histórica da América Latina, o processo de urbanização representa um fator decisivo, tanto da densidade de contatos para oportunidades de aceção diferencial, quanto no ‘desenraizamento’ social dos indivíduos, colocando-os frequentemente à mercê do retardo social. [...] a urbanização envolve, junto com a densificação física, um vasto conjunto de conseqüências atitudinais e comportamentais, reconhecidas pela sociologia moderna em geral, com destaque especial nas teorias da ‘ecologia humana’ da Escola de Chicago, e inclusive em K. Marx (quando alertava para os efeitos, na ‘consciência de classe’, da proximidade física entre os operários das manufaturas).

Percebendo o fator concentração demográfica como um elemento chave dentro da perspectiva de transição etiológica, vemos que dele emergem dois novos conceitos que irão compor seu conteúdo explicativo, sendo eles: *a aceleração endógena e a metástase social do crime*. As novas circunstâncias trazidas pela intensa e desorganizada urbanização verificada nas últimas décadas, facilitaram a estruturação dos grupos de agressores coletivos e aparecem como um forte indicador de que este novo agressor social avança não só pelo estímulo contextual, mas também por um processo de aceleração endógena nas próprias comunidades onde estes grupos estão estruturados. Já o conceito de metástase social do crime foi desenvolvido por analogia com a doença do câncer nos seres vivos e procura dar conta deste processo de migração dos agressores coletivos e das atividades delitivas. Este deslocamento obedece a conveniências estratégicas dos grupos de agressores estruturados, isto é, de acordo com a analogia, a migração é realizada em direção a áreas onde há uma relativa evasão das forças “imunológicas” (o que no caso da criminalidade se refere às forças policiais). Assim, a expansão da criminalidade não teria uma correspondência imediata com os determinantes sócio contextuais tradicionais, indicados pela desorganização social e estresse socioeconômico. Porém, afastando-se desta lógica, a criminalidade migraria para zonas da cidade menos urbanizadas e mais pacíficas, onde sua atuação não seria, a priori, esperada (FANDIÑO, 2012).

É importante perceber que uma vez estruturados os grupos de agressores eles tendem a se reproduzir sem necessariamente passarem por seus estágios embrionários - como gangues juvenis e quadrilhas locais - pois a reprodução envolve a capacidade destes próprios grupos em promoverem endogenamente sua expansão e, dentro da lógica da perspectiva das oportunidades ilegítimas, os grupos de agressores estruturados criam suas próprias oportunidades de ação mais complexas. Porém, como nosso interesse está em compreender se esta estruturação dos agressores permeia o espaço escolar, contribuindo para as manifestações violentas nas escolas, buscamos entender alguns aspectos sobre a formação, organização dos grupos de socialização e pertencimento dos jovens, entre eles as gangues, bondes e a articulação com o consumo de drogas.

A temática das gangues tem sido tratada de forma vasta pela literatura norte americano, sendo enredo de inúmeros filmes, matérias jornalísticas, relatórios, pois possuem uma grande importância na

organização coletiva e estruturação das cidades. O tema foi tratado de forma mais acadêmica a partir de 1920, pela Escola de Chicago, motivada pela “desorganização social” produzida pelo crescimento urbano acelerado e falta de integração no espaço social e cultural urbano dos migrantes e imigrantes que passaram a ocupar as áreas pobres daquela cidade. Essa escola introduz a “sociologia da delinquência juvenil”, pois as gangues originadas nos Estados Unidos são estruturadas como uma “organização empresarial”, com funções de poder hierárquico, normas definidas, possibilitando, inclusive, uma “mobilidade social aos jovens”, como demonstra o estudo de Martín Sánchez-Jankowski.

No Brasil, esta temática e em especial a terminologia “gangues”, tem sido utilizada genericamente para “designar um grupo de jovens, um conjunto de companheiros e também uma organização juvenil ligada à delinquência” (Abramovay 2004, p. 95). Por essa razão, a pesquisadora Abramovay e sua equipe, ao realizarem a pesquisa sobre as gangues no Distrito Federal, utilizam o termo *gangue/galeras*, pois, explica ela, o uso da noção de “*galère*”, introduzida por Dubet em seus estudos sobre a juventude francesa, é compreendida como uma “forma de sociabilidade solta, plena de niilismo, autodestrutividade e raiva” podendo estar marcada “por atividades criminosas intermitentes ou por uma marginalidade difusa” (Abramovay, 2004, p. 95). A pesquisadora chama a atenção para a importância de não aplicar mecanicamente nenhum modelo teórico, pois há especificidades em cada contexto. Na França, por exemplo, diferentemente do caso brasileiro, “o fenômeno da “*galère*” tem como pano de fundo os conflitos e tensões decorrentes da imigração, o desmantelamento dos bairros operários, o enfraquecimento do movimento operário, a privação de uma consciência de classe” (idem, p. 95).

Letícia Schabach (2007) buscou mapear a existência, nos municípios e escolas da região Sul do Brasil, em especial nos espaços geográficos denominados de “colônia velha” e a região metropolitana de Porto Alegre, de grupos minimamente organizados de crianças e de adolescentes que se reúnem dentro de certos limites geográficos (escola, bairro, quarteirão, favela) para praticarem atividades de lazer, ações anti-sociais e, até mesmo, atos infracionais e/ou violentos. Constatou que estes últimos podem ser eventuais ou regulares, e os grupos podem ter liderança e organização instável (gangues culturais) ou liderança mais velha e/ou adulta e organização permanente e aberta a arranjos com grupos criminais adultos organizados (gangues delitivas). Em seu processo de consolidação, tais grupamentos buscam afirmar os seus valores (tais como: a virilidade, a masculinidade e a honra), construindo uma identidade singular. Como ela buscou a interrelação entre esses grupos e o crime organizado, aponta ela que as gangues distinguem-se do crime organizado, embora estejam por vezes a ele vinculadas ou subordinadas.

Entende ela que as gangues e o crime organizado representam uma espécie de catalisadores dos crimes violentos, influenciando a formação das taxas criminais brasileiras e particularmente, das gaúchas, mas é importante salientar que nem todos os grupos são ligados ao crime. A partir da literatura que ela revisou, podemos perceber que as gangues representam fenômeno recente, surgido após 1985, característico das grandes cidades, que se relaciona com a concentração da pobreza, o colapso de instituições tradicionais e o aumento massivo das drogas ilegais. Tais grupamentos variam consideravelmente quanto à organização e à coesão social, mas convergem no grau de violência, principalmente envolvendo armas e drogas. Alguns estudos mostram que a maior parte dos incidentes envolvendo membros de gangues acontece dos 17 aos 23 anos. (Schabach, 2007). As gangues constituíam-se, então, como grupos de apoio, de solidariedade, de contracultura. Há uma variação na busca por caminhos legítimos ou ilegítimos, os quais não derivam apenas de “escolhas”, mas pela desigualdade estrutural.

Schabach (2007, p. 166) ainda cita uma distinta tipologia de gangues que aparece em Huff (1989 apud LAWRENCE, 1998: 130), que as divide nos seguintes três tipos: a) informais, hedonísticas, cujos interesses primeiros são “ficar alto” e “ter um bom momento”; b) instrumentais que cometem crimes contra a propriedade por razões econômicas; e c) predatórias, que cometem roubos e assaltos e

estão ativamente envolvidos na venda e uso de drogas.

Essas tipologias nos auxiliam para compreendermos as motivações e variações dos jovens em ingressar em um grupo e seguir uma “carreira criminal”. Continuando na exploração desse entendimento, os estudos sobre as gangues no Brasil destacam que a participação do jovem ocorre como uma busca de afirmação de sua “identidade diferencial”, através dos seguintes elementos constitutivos:

- O uso diferenciado do espaço urbano, que inicia com o rompimento das relações familiares e de trabalho, e expõe o jovem ao perigo, tendo a cidade como palco: com as gangues e galeras parece haver uma inversão no uso da cidade, ao invés de protegerem-se, de esconderem-se, de resguardarem-se nos 'muros' da casa, cria-se outra ordem: exibirem-se e movimentarem-se nos escuros, nos becos e até mesmo, se necessário, nos esgotos [...] Para estes jovens, a cidade se coloca como espetáculo, como palco [...]. (DIÓGENES, 1995, p. 7, apud Schabach 2007, p. 171).

- A desvalorização da ética do trabalho e a exaltação do lazer e do consumo. Os membros de gangues desejam mercadorias muitas vezes inacessíveis à sua condição social;

- A falta de perspectivas no futuro e o imediatismo das experiências: a marca do efêmero, do fugaz, do presente imediato. (idem)

Percebe-se, portanto, que há uma necessidade de reconhecimento e pertencimento, que pode ser conduzida para diferentes fins, conforme as motivações afetivas, tradicionais ou racionais.

Resultados e Conclusões

Os estudos apontados demonstram que o fenômeno das gangues está fortemente associado à urbanização acelerada, a qual provoca uma desorganização social, favorecendo a formação e estruturação de grupos agressores, os quais iniciam com as gangues juvenis, podendo constituir-se em quadrilhas para o crime organizado. O estudo comparativo por nós realizado, entre escolas públicas e particulares e entre interior e capital, corrobora para a comprovação empírica dessas teorias, demonstrando ainda como a estruturação dos agressores é um fenômeno que ultrapassa países e cidades megalópoles, e está migrando para cidades pequenas, se infiltrando em âmbitos socializadores como o espaço escolar, onde esses grupos disputam poder incendiando o patrimônio escolar.

Como pode ser observada na tabela 1 em anexo, a variável de maior influência na violência reportada é o tipo de **relação ou não com as gangues (.39)**. Isto aponta para o papel decisivo da nova etiologia da estruturação coletiva do desvio apontada pela teoria da transição etiológica apresentada no início deste trabalho, **comprovando nossa hipótese 1**, de que a participação, envolvimento ou presença de gangues no espaço interno ou externo à escola contribui para o aumento das manifestações de violências nas escolas. Conforme essa teoria, o envolvimento de grupos juvenis ocorre pelo clima de associação, em que correntes egoístas perpassam todo o espaço social da sociedade adulta.

Analisando os resultados das tabelas 2 e 3 (em anexo), que compara os *Betas* entre as autarquias públicas e privadas das duas regiões em estudo, é possível verificar que:

- **A presença das gangues é muito mais forte nas escolas públicas (.30) em relação às particulares (.07)**, fator que pode ser entendido como resultado do processo de desorganização social em curso, mencionado anteriormente, o qual está adentrando no sistema escolar. A “concentração demográfica” nas escolas públicas é muito maior que nas particulares, podendo contribuir para essa associação, conforme preconiza a literatura;

Outra comparação realizada foi com os contextos regionais, onde verificamos que o impacto das variáveis no modelo se modifica conforme os contextos regionais. Observamos que o poder explicativo da variável “gangues” é muito maior na Região de **Porto Alegre (.20) do que em Santa Rosa (.05)**. Essa diferença apontada confirma o poder explicativo da teoria da estruturação dos agressores

conforme a concentração demográfica.

A eclosão das manifestações das diversas formas de violências no espaço escolar pode ser reflexo do caráter de (des)organização de uma sociedade globalizada e referendada nos princípios econômicos, onde o lucro e o capital financeiro assumem a centralidade das relações sociais e não a valorização da pessoa humana. A invisibilidade das pessoas que não conseguem se inserir nessa sociedade onde a sedução do consumo é simultaneamente o grande igualador e o grande divisor, aumenta o sentimento de desvalia e descarte de pessoas, reforçando uma sociedade “dual”: os que estão incluídos sentem medo dos que não estão inclusos, fragilizando a vinculação dos laços sociais. Quando se é atacado e ferido no âmbito do atendimento às necessidades humanas, perde-se o continente da confiança. A violência, enquanto um grande mosaico encontra nesta falta de confiança, mormente nas instituições protetoras, uma trilha de possibilidades para uma integração perversa, onde os jovens estabelecem estreitamentos dos laços sociais com gangues e organizações criminosas.

Os resultados apresentados confirmam que as novas circunstâncias trazidas pela intensa e desorganizada urbanização verificada nas últimas décadas, facilitaram a estruturação dos grupos de agressores coletivos e aparecem como um forte indicador de que este novo agressor social avança não só pelo estímulo contextual, mas também por um processo de aceleração endógena nas próprias comunidades onde estes grupos estão estruturados, tendo como principal impulsionador o tráfico de drogas, que, por sua ilegalidade e rentabilidade, apresenta efeitos de anomização, contribuindo para a erosão dos valores tradicionais nas comunidades. Neste sentido, afirma-se que a solidariedade e a confiança mútua entre os residentes de determinada comunidade, combinadas com expectativas compartilhadas, constituem um ambiente favorável ao controle social informal sobre a incidência de crimes.

A afiliação a uma gangue pode servir como uma opção aos jovens que se sentem estigmatizados e/ou excluídos. O pertencimento a uma gangue é percebido pelos jovens como um espaço social no qual eles são respeitados, protegidos, desenvolvendo atividades lúdicas e oportunidades de “ganhar a vida mais facilmente”. Esse “ganho fácil” é realizado através de roubos a pequeno e médios estabelecimentos, em que o dinheiro arrecadado é utilizado para o desfrute pessoal, mediante a compra de objetos, drogas e armas.

Os sentimentos de injustiça, as formas punitivas ou desorientadas das agências de controle, a rejeição da autoridade do professor, são indicativos associados que apontam para a necessidade de mudanças, pois as respostas tradicionais, baseadas na lógica retribuição/punição, e as permissivas e negligentes, baseadas na invisibilidade dos conflitos, propiciam a indiferença e têm servido mais a perpetuação da violência escolar do que ao seu enfrentamento. Necessário se faz a abertura ao novo, experimentando novas estratégias articuladoras e capazes de substituir a “cultura de guerra” por uma “cultura de paz”.

Este novo olhar exige que as conflitualidades e as violências sejam trazidas para um campo de visibilidade, pois, todo ato de violência é a expressão trágica de uma necessidade não atendida. É preciso observar atentamente o comportamento do outro, sem julgamentos apressados; escutar a versão dos fatos sob todos os ângulos possíveis. Isso requer maior investimento de tempo e paciência, mas sem dúvida, é um investimento na melhoria do presente e futuro da humanidade.

Em um tempo em que não há mais tempo para o diálogo é necessário recuperar o espaço de escuta, reorganizando as estratégias, focando no que é essencial para a formação dos indivíduos, observando suas necessidades, reconhecendo-os como sujeitos. Talvez a escola precise rever seu lugar na sociedade, articulando-se para o trabalho em rede com outras instituições. Este é um grande desafio!

Referências

- ABRAMOVAY, Mirian (coord). (2005). *Cotidiano das escolas: entre violências*. Brasília: UNESCO, Observatório de Violência, Ministério da Educação.
- _____ (et al). (2004). *Gangues, galeras, chegados e rappers*. Rio de Janeiro: Garamond.
- AMES, Maria Alice Canzi (2012). Conexões entre justiça restaurativa e educação em direitos humanos. In: BEDIN, Gilmar (Org.). *Cidadania, Direitos Humanos e Equidade*. Ijuí: Editora Unijuí.
- BARBOSA, M.; Carmen, S. (2007). *Culturas escolares, culturas de infância e culturas familiares: as socializações e a escolarização no entreter destas culturas*. Educação e Sociedade. Campinas, v. 28, n. 100, out. 2007, p. 1059-1083.
- BARCELLOS, Caco (2004). *Abusado: O Dono do Morro dona Marta*. Rio de Janeiro: Record.
- BARKER, Gary (2008). *Homens na linha de fogo*. Tradução de Alexandre Arbex Valadares. Rio de Janeiro: 7letras.
- BAUMAN, Zygmunt (1998). *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____, (2008). *O medo líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____, (2003). *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- BOONEN, Petronela Maria, (2011). *A Justiça Restaurativa, um desafio para a educação*. São Paulo: Tese de Doutorado, Faculdade de Educação da USP.
- BOURDIEU, Pierre (1997). *A miséria do mundo*. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes.
- BRANCHER, Leoberto (2008). *Iniciação em Justiça Restaurativa – subsídios de práticas restaurativas para a transformação de conflitos*. Porto Alegre, AJURIS.
- CAMACHO, L. M. Y (2001). *As sutilezas das faces da violência nas práticas escolares de adolescentes*. Educação e pesquisa; 27: 123-140.
- CAMARGO, C.; et all (1999). *Violência praticada por adolescentes em escola de primeiro grau*. Revista Baiana Enfermagem; 12: 5-20.
- CAMPBELL, J. (1990). *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena.
- CASTELLS, Manuel (1999). *A Sociedade Rede (A era da informação: economia, sociedade e cultura, v. 1)*. São Paulo: Paz e Terra,.
- CECCON, Cláudia, et. al. (2009). *Conflitos na escola: modos de transformar: dicas para refletir e exemplos de como lidar*. SP: CECIP: Imprensa Oficial do Estado de SP.
- CHARLOT, Bernard (2002). *A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão*. Porto Alegre: Revista Sociologias, ano 4, n. 8, jul/dez 2002, p. 432-443.
- CLOWARD, Richard A.; OHLIN, Lloyd E. (1960). *Delinquency and Opportunity: a theory of delinquent gangs*. New York: Free Press.
- COLLET, Charlise Paula (2011). A promoção dos direitos mínimos do cidadão realizada pelas práticas restauradoras: a quebra da cultura excludente e seletiva do sistema penal. IN: CALLEGARI, André Luís. *Direito Penal e Globalização*. POA: Livraria do advogado, p. 91-124.
- CONTE, Marta (1997). Ser Herói já era: seja Famoso, seja Toxicômano, Seja Marginal! In:

- ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE. *Adolescência entre o passado e o futuro*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, p. 249-257.
- COSTA, Fernanda. Após incêndios criminosos escolas temem novos ataques em Ijuí. *Zero Hora*: 15/09/2012, geral.
- DEBARBIEUX, E. (coord). (1998). *La violence à l'école: approches européennes*. Revue Française de Pédagogie. Institute National de Recherche Pédagogic; n. 123.
- DEJOURS, Christophe (1999). *A banalização da injustiça social*. Rio de Janeiro: Ed. FGV.
- DIÓGENES, Glória (2003). O *corpus* das gangues e galeras juvenis: ritos de transgressão social. In: LEAL, César Barros; PIEDADE JR., Heitor (coord.). *A violência multifacetada: estudos sobre a violência e a segurança pública*. Belo Horizonte: Del Rey, p. 183-204.
- DUBET, François (1987). *La galère: les jeunes en survie*. Paris: Fayard.
- DURKHEIM, Émile (1987). *As regras do método sociológico*. SP: Editora Nacional.
- _____. (1990) *Sociologia*. São Paulo: Ática.
- _____. (2002). *Lições de Sociologia*. São Paulo: Martins Fontes. Tradução Monica Stahel.
- _____. (2006). *Ética e Sociologia da Moral*. São Paulo: Landy Editora,.
- _____. (2008). *A Educação Moral*. Petrópolis, RJ: Vozes, Tradução de Raquel Weiss.
- ESTÊVÃO, Carlos (2001). *Justiça e Educação*. São Paulo: Cortez.
- EYNG, Ana Maria (org). (2011). *Violências nas escolas*. Ijuí: Ed. Unijuí.
- FANDIÑO, Juan Mario Marino (2004). *Ciclos históricos da violência na América Latina*. São Paulo em Perspectiva, 18(1): 31-38.
- _____. (2012). *Panorama geral das principais teorias sociológicas da criminalidade*. Porto Alegre: mimeo.
- GADOTTI, Moacir (1980). *Educação e Poder*. São Paulo: Cortez e Autores Associados.
- GARAPON, Antoine; GROS, Frédéric; PECH, Thierry. (2004). *Punir em Democracia*. São Paulo: Instituto Piaget.
- HAUSER, Ester E. (2011). *Política Criminal*. Livro texto. Ijuí: Editora Unijuí.
- HULSMAN, Louk; DE CELIS, Jacqueline B (1993). *Penas perdidas: o sistema penal em questão*. Rio de Janeiro: Luam,.
- KAHN, Túlio (2002). *Velha e Nova Polícia: Polícia e Políticas de Segurança Pública no Brasil Atual*. SP: Sicurezza.
- KAHN, Túlio (2001). *Cidades Blindadas: ensaios de criminologia*. SP: Ed. Conjuntura,.
- KERLINGER, Fred (1980). *Metodologia de Pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: EPU,
- KONZEN, Afonso Armando (2007). *Justiça Restaurativa e Ato infracional: desvelando sentidos no itinerário da Alteridade*. Porto Alegre: livraria do advogado,
- LARRAURI, Elena (2004). *Tendências actuais de lajusticia restauradora*. In: Revista Brasileira de Ciências Criminais, São Paulo: RT.
- LAWRENCE, Richard (1998). *School Crime and Juvenile Justice*. New York: Oxford

University Press.

MALDONADO, Maria Tereza (1997). *Os construtores da paz*. SP: Moderna.

MENESES, Elcio Resmini (2008). *Medidas Socioeducativas: uma reflexão jurídico-pedagógica*. Porto Alegre: livraria do advogado.

MICHAUD, Yves (2001). *A violência*. São Paulo: Ática.

MILANI, Feizi Masrour; JESUS, Rita de Cássia Dias (orgs.) (2003). *Cultura de Paz: estratégias, mapas e bússolas*. Salvador: INPAZ.

MOISÉS, José Álvaro (org) (2010). *Democracia e Confiança*. São Paulo: Ed. USP.

NÓVOA, A (1995). *As organizações escolares em análise*. Lisboa: Dom Quixote.

ORTEGA et. al. (2005). *Violencia escolar en Nicaragua: un estudio descriptivo en escuelas de primaria*. Revista Mexicana de Investigación educativa, jul-sep, vol. 10, núm. 26, p. 787-804.

PATTO, Maria Helena Souza. *Violência nas escolas: um caso de polícia?* Revista do ILANUD, no. 23, p. 25-32.

PEDROSO, Regina Célia (1999). *Violência e Cidadania no Brasil*. São Paulo: Ática,.

PEGORARO, Juan S. (2002). *Notas sobre los jóvenes portadores de la violencia juvenil en el marco de las sociedades pos-industriales*. Porto Alegre: Revista Sociologias, ano 4, n. 8, jul/dez, p. 276-317.

PRADO, Maria do Carmo Cintra Almeida (Coord)(2004). *O Mosaico da Violência*. São Paulo: Vetor.

PRANIS, Kay. (2010). *Processos Circulares*. SP: Palas Athena.

ROSENBERG, Marshall (2006). *Comunicação não-violenta*. SP: Ágora.

SALES, Mione Apolinario. (2007). *(In) visibilidade perversa: adolescentes infratores como metáfora da violência*. SP: Cortez.

SÁNCHEZ-JANKOWSKI, Martin (1997). *As gangues e a estrutura da sociedade norteamericana*. Revista B. de Ciências Sociais, São Paulo, v. 12, n. 34, p. 31-74, jun..

SANTOS, Boaventura de Souza (2008). *Para uma revolução democrática da Justiça*. São Paulo: Cortez.

SANTOS, José Vicente Tavares dos. (org.) (1999). *Violência em tempo de globalização*. São Paulo: Hucitec,

_____. (2001). *A violência na escola: conflitualidade social e ações civilizatórias*. São Paulo: Revista Educação e Pesquisa, v. 27, n. 1, p. 105-122, jan./jun.

_____. (1999). *As conflitualidades como um problema sociológico contemporâneo*. Porto Alegre: Revista Sociologias, ano 1, n. 1, pp. 10-13, jan/jun.

SENNETT, Richard (2006). *A Cultura do Novo Capitalismo*. Rio de Janeiro: Record.

_____ (2004). *Respeito*. Rio de Janeiro: Record.

SCHABBACH, Letícia Maria (2007). *Tendências e Preditores da Criminalidade Violenta no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS, Tese de Doutorado em Sociologia.

SHECAIRA, Sérgio Salomão (2011). *Criminologia*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais,.

SPOSITO, Marília (2001). *Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.27, n.1, p. 87-103, jan./jun..

- SUTHERLAND, Edwin (1949). *Princípios de criminologia*. São Paulo: Martins, (Biblioteca de Ciências Sociais).
- TYLER, T., e LIND, E. (1992). *A relational model of authority in groups*. *Advances in Experimental Social Psychology*, 25, pp. 115-191.
- VIEIRA, Liszt (2001). *Cidadania e Globalização*. RJ: Record.
- WAISELFISZ, Julio Jacobo (2004). *Mapa da Violência IV: os jovens do Brasil*. Brasília: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, Secretaria Especial dos Direitos Humanos,.
- _____. (2004). *Políticas Públicas de/para/com juventudes*. Brasília: UNESCO.
- WEBER, Max (1999). *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília. São Paulo: Imprensa oficial do Estado de São Paulo. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa; Revisão técnica de Gabriel Cohn.
- _____. (1966). *Sociologia da Burocracia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- _____. (1985) *Textos Selecionados*. Traduções de Maurício Tragtenberg et. al. São Paulo: Abril Cultural,.
- ZALUAR, Alba (2004). *Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas*. RJ: Editora FGV,.
- _____. (1999). *Violência e Educação*. São Paulo: Cortez.
- _____. (1996). *Da revolta ao crime S/A*. São Paulo: Moderna.
- _____. (1985). *A máquina e a revolta*. As organizações populares e o significado da pobreza. São Paulo, Brasiliense.
- ZANTEN, Agnes Van (2008).. A influência das normas de estabelecimento na socialização profissional dos professores: o caso dos professores dos colégios periféricos franceses. IN: TARDIF, Maurice. LESSARD, Claude; tradução de Lucy Magalhães. ***O ofício de professor: história, perspectivas e desafios internacionais***. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 200-216.
- ZAVASCHI, M. L.; BENETTI, S.; POLANCZYK, G.; SOLÉS, N.; SANCHOTENE, M. L. (2002). *Adolescents exposed to physical violence in the community: a survey in brazilian public schools*. *Revista Panamericana de Salud Publica*; 12(5): 327-332.
- ZEHR, Howard (2008). *Trocando as lentes: um novo foco sobre o crime e a justiça*. São Paulo: Palas Athena.
- ZERO HORA. *Polícia tenta deter a ação dos bondes*. Porto Alegre, 4 set. 2008.
- ZERO HORA. *Crack impulsiona crimes no interior*. Porto Alegre, 10 maio 2009.
- ZERO HORA. *Escolas conflagradas*. Porto Alegre, 11 out. 2009, reportagem especial.
- ZERO HORA. *Como coibir a violência dos bondes*. Porto Alegre, 03 mar. 2010.
- ZERO HORA. *Por que cresceu a ameaça das gangues na Capital*. Porto Alegre, 07 mar. 2010.
- ZERO HORA DIGITAL. *Estudante planejava massacre nos Estados Unidos inspirado em Columbine*. Mundo, 29/05/2013.

Anexos

A Tabela abaixo visa demonstrar as variáveis independentes que tiveram maior grau de significância a partir da análise obtida com o recurso “stepwise”, que seleciona as variáveis mais significativas em um estudo.

Nesta Tabela 1, disponibilizamos, na primeira coluna, a lista de todas as variáveis independentes rodadas na regressão incluídas em nosso estudo, destacando na primeira parte as variáveis independentes incluídas no modelo e separadas por uma linha, a segunda parte da tabela, as variáveis independentes não incluídas no modelo; na segunda coluna, os respectivos coeficientes (BETAS), os quais indicam o quanto as variáveis contribuem para a variação observada na variável dependente, que no caso, é a violência reportada; na terceira coluna, colocamos o “erro” ao final da equação, o qual serve para estimar as variações não captadas pelo modelo. Na quarta coluna, colocamos os graus de significância (sig) de cada variável, lembrando que quanto mais próxima a zero, mais forte a significância. Por último, na quinta coluna, elencamos os “VIF” (VARIANCE INFLATION FACTOR) que demonstram a firmeza dos dados, pois é a partir deste indicador que se testa a validade dos mesmos.

Tabela 1 - Modelo de Regressão Linear pelo método Stepwise* da Violência Reportada de uma amostra de alunos de ensino médio em 6 escolas públicas e particulares de Santa Rosa e Porto Alegre/RS a partir de 19 variáveis independentes selecionadas. N = 724

VARIÁVEIS INDEPENDENTES INCLUÍDAS NO MODELO FINAL	Betas	Erros	Sig	VIF
1. Gangues	.39	.07	.00	1,3
2. Justiça Escolar	-.24	.03	.00	1,3
3. Porte de Armas	.19	.15	.00	1,2
4. Autarquia Escolar	-.13	.23	.00	1,2
5. Expulso	.13	1,4	.00	1,0
6. Consumo de Drogas Individual	-.13	.09	.00	1,4
7. Aceitação Autoridade Professores (AAP)	-.09	.03	.00	1,1
8. Violência Doméstica	-.08	.10	.00	1,2
VARIÁVEIS INDEPENDENTES NÃO INCLUÍDAS NO MODELO FINAL				
9. CICS	-----	-----	-----	-----
10. Consumo Drogas Familiar	-----	-----	-----	-----
11. Controle Pais (CP)	-----	-----	-----	-----
12. Justiça Doméstica	-----	-----	-----	-----
13. Região	-----	-----	-----	-----
14. Série	-----	-----	-----	-----
15. Turno	-----	-----	-----	-----
16. Trabalha	-----	-----	-----	-----

17. Sexo	-----	-----	-----	-----
18. Cor	-----	-----	-----	-----
19. Tráfico	-----	-----	-----	-----

*Nível de significância para aceitação = 0.05

*Nível de significância para rejeição = 0.10

Tabela 2 – Modelo de Regressão Simples de Violência Reportada para alunos do ensino médio de 4 ESCOLAS PÚBLICAS do modelo final significativo das Regiões de Porto Alegre e Santa Rosa:

N= 474

	Gangues	Justiça Escolar	Porte Armas	Expulso Escola	AceitaçãoA autoridade Professor	ViolênciaDoméstica	Região	ConsumoDrogas Individual
Betas	.30	-.33	.21	.06	-.14	-.14	-.11	-.05
Erro	.06	.05	.17	1,7	.05	.13	1,0	.09
Sig	.00	.00	.00	.14	.00	.00	.05	.32
VIF	1,5	1,5	1,2	1,0	1,1	1,3	2,3	2,0
R2=								
.58								
Sig:.00								

*Nível de significância para aceitação = 0.05

*Nível de significância para rejeição = 0.10

Tabela 3 – Modelo de Regressão Simples de Violência Reportada para alunos do ensino médio de 3 ESCOLAS PARTICULARES do modelo final significativo das Regiões de Porto Alegre e Santa Rosa: N= 250

	Gangues	Justiça Escolar	Porte Armas	Expulso Escola	AceitaçãoA autoridade Professor	Violência Doméstica	Região	ConsumoDrogas Individual
Betas	.07	-.02	.20	.28	.05	.13	.02	-.10
Erro	.20	.05	.79	2,6	.05	.11	.63	.20
Sig	.40	.69	.00	.00	.47	.07	.72	.21
VIF	2,2	1,1	1,1	1,1	1,4	1,5	1,1	1,8
R2=								
.18								
Sig: .00								

*Nível de significância para aceitação = 0.05

*Nível de significância para rejeição = 0.10